



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Eixo temático: Questão Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Questão Ambiental

QUESTÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA: DO FOGO NAS MATAS À SECA DOS RIOS E SEUS REFLEXOS PARA A POPULAÇÃO

ÉRICA OLIVEIRA DE CASTRO FARIAS¹

RESUMO

O artigo traz algumas reflexões, à luz do materialismo histórico dialético, sobre a questão social na Amazônia, especialmente quanto às queimadas e seca dos rios e seus reflexos para a vida da população, principalmente para aquelas pessoas que moram em áreas longínquas da região. Caracteriza-se como uma revisão bibliográfica que apontou para o descaso governamental para com a pauta ambiental, apesar de veicular o contrário nas mídias, e que a questão social que se visualiza encontra barreiras ainda maiores quando relacionadas às demais regiões do país. As queimadas e toda a reação em cadeia provocada, refletem diretamente sobre o modo de vida da população, pois há o aumento de doenças, inviabilidade de abastecimento de bens que garantam a subsistência local, dentre outros, o que ampliam as desigualdades sociais e a pobreza.

Palavras-chave: Questão Social, Pobreza, Meio Ambiente

Abstract

The article presents some reflections, in the light of dialectical historical materialism, on the social issue in the Amazon, especially regarding the burning and drying of rivers and their repercussions on the lives of the population, especially for those who live in remote areas of the region. It is characterized as a bibliographic review that pointed to the government's disregard for the environmental agenda, despite the media reporting the opposite, and that the social issue that is seen encounters even greater barriers when related to other regions of the country. The burnings and the entire chain reaction caused have a direct impact on the population's way of life, as there

¹ Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas

is an increase in diseases, the unfeasibility of supplying goods that guarantee local subsistence, among other things, which increase social inequalities and poverty.

Keywords: Social Issue, Poverty, Environment

1. INTRODUÇÃO

O cenário atual tem se mostrado desfavorável para as populações que moram nos locais mais longínquos do Brasil. Por suas dimensões territoriais, vasta cultura e diversidade populacional, os estados que compõem a Amazônia com seus municípios interioranos tem amargado com a expansão capitalista e dos interesses obscuros que pairam sobre a fauna e flora dessa região. O avanço neoliberal e da política econômica alinhada, por vezes, com o empresariado, tem trazido extensos reflexos não somente do ponto de vista ambiental, mas também, quanto à manutenção dos habitantes dessa região.

Os reflexos trazidos para a população, especialmente a ribeirinha, tem sido acompanhada de extrema exclusão social, não lhes permitindo ter acesso à bens e serviços básicos previstos constitucionalmente. Nesse viés, há um forte comprometimento na chegada de profissionais para atendimento nesses locais. Médicos, enfermeiros, assistentes sociais, dentre outros, encontram barreiras geográficas, financeiras e culturais para levar atendimento a essas populações.

Nesse contexto, o conteúdo deste artigo está estruturado em quatro seções. A primeira traz a introdução do trabalho, a segunda aborda os principais conceitos da questão social e como ela se expressa na dinâmica societária, especificamente na região Amazônica, considerando os aspectos geográficos, educacionais e culturais de sua população. A terceira traz um pouco dos efeitos das queimadas e da poluição das águas, além das dificuldades e ausências do poder público para resolver a degradação ambiental e do quanto isso interfere na subsistência e manutenção da população ribeirinha. A quarta traz as considerações finais a respeito da pesquisa.

Nessa perspectiva, o objetivo deste trabalho é trazer reflexões sobre a questão social na Amazônia, ressaltando suas especificidades e de como o processo das queimadas e seca dos rios interfere na dinâmica de vida da população, seja ela moradora da capital ou dos municípios do interior. Esses aspectos envolvem a subsistência e a própria manutenção dos povos tradicionais em seus espaços, que também é um componente que trata da história da composição da população do Brasil.

2. LANÇANDO OLHARES SOBRE A QUESTÃO SOCIAL NA AMAZÔNIA

Antes de iniciar qualquer discussão aprofundada é importante situar a questão social em seu processo de construção histórica. Para Netto (2001), todos os registros disponíveis sugerem que a expressão “questão social” tem história recente, onde seu emprego data de cerca de cento e setenta anos. Ao que tudo indica, passou a ser utilizada por volta da terceira década do século XIX, sendo divulgada por críticos da sociedade e filantropos situados nos mais variados espaços do espectro político.

A expressão questão social surge para dar conta de um fenômeno cada vez mais evidente na Europa Ocidental, que experimentava os efeitos da primeira onda industrializante que teve início na Inglaterra. Esse fenômeno recebeu o nome de pauperismo e de acordo com Netto (2001), era algo novo e sem precedentes na história, sendo feito pela primeira vez registros apontando que a “pobreza crescia na razão direta em que aumentava a capacidade social de produzir riquezas”. (Netto, 2001, p.42).

A notória concentração de renda nas mãos de poucos não foi recebida com bons olhos pela classe trabalhadora, tendo no movimento luddista, uma de suas expressões máximas de insatisfação e busca pelas melhorias de vida. Nesse viés é importante salientar que a questão social está intimamente relacionada com a contradição capital X trabalho, sendo uma categoria amplamente veiculada no modo de produção capitalista. No que diz respeito ao Serviço Social, o conceito popularizado é aquele apresentado por Carvalho e Iamamoto (1983), que diz que a questão social se trata das

“[...] expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida social, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção mais além da caridade e repressão”. (Carvalho; Iamamoto, 1983, p.77)

Nessa contradição e da necessidade de respostas diante das adversidades criadas por um modo de produção excludente é que Iamamoto (2001) reforça a tese de que a questão social é indissociável da acumulação capitalista e que produz graves efeitos sobre a classe trabalhadora, o que requer a criação e ampliação das políticas sociais públicas. Seguindo esse entendimento, Nascimento *et al.* (2022), também apontam que a questão social é constitutiva do modo de produção capitalista, portanto, insuprimível nesta sociabilidade capitalista. Conseqüentemente, a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

medida que o capitalismo apresenta mudanças, as diferentes expressões da questão social também vão ganhando novos contornos. Em suma, quanto maior a acumulação de capital, maiores serão os aprofundamentos da questão social.

Pelo fato de estar relacionada ao trabalho, também não se figura como um fenômeno recente, perpassando por todo o processo histórico moldando-se a cada período, ou seja, “a análise da questão social é indissociável das configurações assumidas pelo trabalho e encontra-se necessariamente situada em uma arena de disputas entre projetos societários informados por distintos interesses de classe” (Iamamoto, 2001, p.10).

Ainda nesse contexto, Teles (1996) aponta que a questão social é a aporia das sociedades modernas que põe em foco a disjunção, sempre renovada, entre a lógica do mercado e a dinâmica societária, entre a exigência ética dos direitos e os imperativos de eficácia da economia, entre a ordem legal que promete igualdade e a realidade das desigualdades e exclusões tramada na dinâmica das relações de poder e dominação. É evidente a contradição imposta pelo modo de produção capitalista e de suas façanhas, cada vez mais ordenadas, para se perpetuar.

Partindo desses conceitos é importante ressaltar a realidade vivenciada pelos Estados que fazem parte da Amazônia Legal, composta por: Acre, Amapá, Amazonas, Pará, Rondônia, Roraima, Maranhão, Mato Grosso e Tocantins. Apesar das similaridades, esses estados possuem especificidades regionais que ainda são consideradas entraves diante da tessitura de políticas públicas para atender a população que se encontra afastada, principalmente, das capitais. Dessa forma, a questão social na região requer um olhar diferenciado, que esteja para além dos aspectos geográficos, e que envolvam a própria composição da sua população.

Nesse viés, Scherer (2009) e Teixeira (2009) ressaltam que as formas de expropriação na Amazônia combinadas com crescimento do mercado, concentraram as políticas públicas na capital, alijando do processo o âmbito rural e rural-urbano. Em linhas gerais, essas populações encontram nos rios, lagos e igarapés suas estradas, e na floresta a sua moradia e fonte de sustento. Ou seja, qualquer proposição de políticas públicas deveria levar em consideração as especificidades desses locais, a fim de atender, de fato, suas reais necessidades.

Diante dessa diversidade é importante se atentar para a própria dinâmica das quais derivam diversas expressões da questão social. A sazonalidade contribui para a geração das expressões da questão social na região. Para Nascimento *et al.* (2022, p.07),

De um lado, temos a questão geográfica e hidrográfica que evidenciam nas enchentes, cheias e secas: a fome, doenças, e a ausência de políticas que assistam essa população.

De outro lado, temos expressões derivadas do crescimento elevado do capital, que possibilitam diversas atividades ilegais, como garimpo, a insustentabilidade na pesca e caça, e o uso exacerbado e ilegal das riquezas naturais, e própria violência destinado as diversas populações que vivem na Amazônia.

É importante destacar que os processos de ocupação dessas regiões foram marcados por conflitos, superexploração de mão-de-obra, degradação ambiental, expropriação e violências. Essa última, ainda muita pertinente ao cenário atual. Conforme apontam, Bitencourt *et al.* (2022, p.10)

[...] desde a colonização, quando a região foi percebida como rentável economicamente, tornando-se um local de exploração, com o primeiro ato exploratório das chamadas "drogas do sertão", ciclo da borracha, até os dias atuais com desmatamentos, garimpos, agronegócios e grandes projetos do capital que além de causarem prejuízos para o meio ambiente, ocasionam também diversos impactos para a população que vive na região.

Desse excerto é possível elucidar que com o passar dos anos as expressões da questão social passaram a ganhar novas roupagens, mas sempre com o plano de fundo da exploração do meio ambiente. Nesse viés, o poder público assina sua incompetência em mitigar os efeitos do grande capital sobre os recursos naturais, assim como dar a entender que compactua com tal situação, estando a favor de interesses de grupos empresariais e políticos.

Um pouco desse cenário também ocorre devido aos "traços de colonialidade" do poder no meio ambiente. Caracterizando-se pela dominação e exploração exacerbada, onde a floresta, a natureza, a biodiversidade e a população não são respeitadas, dando lugar para as destruições e devastações em massa. Tais fatores são consequências dos interesses de grupos hegemônicos que almejam poder e auferir lucros em favor do mercado mundial. (Bitencourt, 2022).

Na atualidade, a mídia tem mostrado o extermínio do que ainda resta dos povos originários e do quanto à questão indígena, ribeirinha e cabocla é necessária para a manutenção dessas populações. Além disso, as expressões da questão social são cada vez mais latentes, tais como: o analfabetismo, a fome, a falta de saneamento básico, condições de moradia, violência, dificuldades de acesso à saúde e de um meio ambiente saudável para se viver.

3. ENTRE O FOGO E A ÁGUA: A MANUTENÇÃO DAS POPULAÇÕES DA REGIÃO

O processo histórico de ocupação da Amazônia é marcado por intensa exploração, expropriação e de movimentos de idas e vindas de pessoas que adentravam nestas terras procurando oportunidades de melhorias de vida. Desde seu passado colonial até a atualidade, a



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

região vivencia um constante processo de integração física, social e econômica ao restante do país. Loureiro (2009) aponta que a região amazônica vivenciou em todas as suas fases de ocupação e expansão o rótulo de ser um espaço privilegiado para a geração de riquezas e passível de exploração por outras regiões e outros povos.

Rótulos esses reforçados à medida em que ocorria a integração da região com o restante do país, configurando-se uma economia regional exportadora de matéria-prima e de produtos semielaborados. (Loureiro, 2009). Uma parcela muito pequena daquilo que é produzido mantém-se nas mãos das pessoas que a produzem, assim como o retorno de políticas públicas e de melhorias de vida. Em termos financeiros há uma disparidade na concentração de renda que aparenta ser uma marca registrada desses pequenos espaços do Brasil. Dessa forma,

A renda gerada na região, assegurada pelo trabalho humano face à exploração da natureza, através do modelo agroexportador, tem escapado para fora dela, alicerçando as disparidades regionais do país; e a parte da riqueza que se fixa na região permanece concentrada pelas elites regionais, alimentando a desigualdade interna. Estabeleceu-se, assim, uma dinâmica duradoura e perversa que converteu a evasão e a concentração de renda em traços permanentes na história social da região. (Loureiro, 2009, p.40).

Nesses períodos foi muito forte a presença de nordestinos na região, que vinham com o sonho de melhorar de vida e de poder retornar para a sua terra, o que pouco aconteceu. As dificuldades enfrentadas pela população sempre estiveram intimamente relacionadas à contradição da abundância de riquezas existentes nesses espaços. Disso tudo, é possível depreender que “privilégios, concentração de renda e excludência social estiveram sempre colados às políticas do Estado e ao modelo de exploração da região, como marcas permanentes, seja antes da borracha ou depois dela”. (Loureiro, 2009, p.41).

Em meio a tantas mudanças ocorridas os que mais acabam sendo penalizados são os povos que habitam a região. Caboclos ribeirinhos, negros de quilombos, colonos, migrantes antigos, dentre outros, figuram-se em meio a exploração da natureza, da retirada de suas terras, na exploração e subordinação aos detentores do capital. É importante salientar a dizimação das populações indígenas na região amazônica, especialmente na atualidade. Para Teixeira (2008), na Amazônia as políticas sociais continuam revelando e conformando um “padrão”, onde as práticas de uma única cultura (sul-sudeste), são colocadas como referência no planejamento dos ministérios, engessando a autonomia de estados e municípios.

Com a ampliação da devastação das florestas e da poluição dos rios e escassez de água, tem sido cada vez mais comum a morte precoce de indígenas e de adoecimento de pessoas que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

vivem nas cidades e comunidades interioranas. Hoje, a Amazônia queima diariamente, dando espaço para a criação de gados, abertura de estradas, instalação de grandes empreendimentos e as águas dos grandes rios e de seus afluentes, cada vez mais contaminadas, seja pela ação de grandes empresas que descartam resíduos, ou mesmo pela falta de informação da população, que acaba contribuindo diretamente para a poluição.

Diante de todas as formas de exploração já vivenciadas até a atualidade (madeira, pecuária, pesca, minérios), em todas elas o desrespeito às populações do interior e suas formas de vida sempre foram uma constante. Para Loureiro (2009), o governo tornou-se indiferente a qualquer forma de desenvolvimento equitativo e equilibrado ecologicamente, fazendo com que haja a compreensão de que os recursos naturais da região são inesgotáveis, além de fomentar a condição secundária e periférica dessa região diante do contexto global.

As queimadas têm tomado proporções inexplicáveis nos últimos anos e a aparente inércia do Poder Público sufoca a população até mais que a própria fumaça. A baixa qualidade do ar, a poluição dos rios, assim como a má distribuição de renda tem incidido diretamente sobre as populações mais empobrecidas, que retiram da floresta a sua fonte de sustento por meio da caça e do plantio. Conforme aponta Loureiro (2009), os danos ambientais provocados especialmente pela pecuária, ao longo de décadas, e por outras atividades, são nítidos aos olhos dos habitantes. As queimadas em nascentes e margens de rios, a desertificação de determinadas áreas, o empobrecimento ecológico, assoreamento e perda de perenidade de determinados rios são apenas alguns exemplos do que vem ocorrendo.

Atrelados a isso estão os incentivos fiscais para os grandes latifundiários e madeireiros, além da pouca ou nenhuma fiscalização nessas regiões, o que conseqüentemente trazem impactos negativos para a Amazônia e seus habitantes. Nesse sentido, as queimadas também são um problema social, político, cultural, econômico, que incide diretamente sobre o modo de viver da população. Diante desse cenário, os governos “não contabilizam os danos ambientais que ela provoca; e porque recolhem impostos através dela, o que não conseguem fazer em igual medida com as atividades tradicionais”. (Loureiro, 2009, p.59)

Outro ponto que também traz muitos aspectos negativos para a população que habita a Amazônia é a poluição das águas. A ação dos garimpos ilegais, o despejo de resíduos industriais e domésticos sem qualquer tipo de tratamento vem contribuindo para que a potabilidade da água e a escassez hídrica sejam algo cada vez mais concreto. A fragilidade na aplicação das leis ambientais na região contribui significativamente para a expansão do ciclo de poluição das águas.

Observa-se que multas quando são aplicadas, não são pagas, e muito menos há uma fiscalização efetiva sobre aqueles que foram autuados.

Estudos realizados pelo Projeto Bacia Amazônica (OTCA/GEF/PNUMA), estão desenvolvendo o Panorama sobre a Contaminação do Mercúrio na Região Amazônica, e a identificação das áreas de risco e vulnerabilidade à contaminação. Eles apontam que mesmo com as legislações vigentes a extração ilegal e não formal de ouro na Amazônia ampliou nas últimas décadas. Acompanhados desse aumento estão a contaminação ocasionada pelo garimpo ilegal, com o uso e descarte errôneo de mercúrio, que contaminam os rios e peixes, afetando principalmente os povos indígenas e ribeirinhos, comprometendo a segurança alimentar desse contingente populacional que dependem da pesca como fonte de subsistência.

É urgente a implementação de políticas públicas que possam monitorar e controlar a degradação ambiental na região Amazônica. Nos últimos anos há um aumento significativo de registros de poluição, contaminação e intoxicação humana com o mercúrio. Conforme aponta Sá *et al.* (2006, p.20),

Ao longo dos últimos 20 anos, anualmente, são despejados na natureza cerca de 100 toneladas de mercúrio utilizados nos garimpos de ouro da Amazônia⁷. Entretanto, outras atividades humanas capazes de liberar o metal foram aumentando, gradualmente, nos últimos anos, como o desmatamento, as queimadas, as barragens e a construção de hidrelétrica. Tais fenômenos podem ter contribuído para a exposição ocupacional e ambiental ao mercúrio na região amazônica.

Essas emissões de mercúrio provenientes de garimpos contribuem para a poluição dos ecossistemas e com outras questões ambientais, como por exemplo o desmatamento e a erosão dos solos. Isso tudo gera reflexos para a saúde das populações amazônicas, tais como distúrbios renais, imunológicos, cardiovasculares, dentre outros. Vale ressaltar que há algum tempo estudos são realizados para verificar as doenças e alterações fisiológicas relacionadas à exposição ao mercúrio. Nesse sentido Sá *et al.* (2006, p.20) destaca que

Embora sejam conhecidas as interações de determinados fatores na gênese de processos patológicos, os dados epidemiológicos existentes para as áreas ribeirinhas da Amazônia, são ainda pouco precisos e dispersos. Nas últimas décadas, alguns estudos desenvolvidos em comunidades da região amazônica, com intuito de investigar a saúde das populações, procuram relacionar alterações fisiológicas com os níveis de exposição ao mercúrio.

Dessa forma, é perceptível os impactos sociais sofridos pelas populações amazônicas. O deslocamento em massa para as capitais, a perda de seus traços culturais, de sua identidade, a ausência de saúde e de demais bens e serviços essenciais para a subsistência fazem com que



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

boa parte dessas populações se submeta a novas expressões da questão social ao irem morar em outros e Estados ou mesmo nas capitais. Isso tudo remete, mais uma vez, com a ausência de governantes compromissados de fato com a causa e bem-estar da população em equilíbrio com a natureza. Os interesses dos empresários em concomitância com os dos governantes tem sido um dos fatores para que essas práticas não sejam reduzidas na região Amazônica.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto é possível inferir que a questão social na Amazônia apresenta longos traços históricos e que a exploração humana e ao meio ambiente sempre fizeram parte desse crescimento. Os desdobramentos que ocorrem ao longo dos anos deixam claro que as roupagens vão apenas se modificando diante da manutenção das desigualdades sociais que até hoje vigoram. A história da Amazônia é marcada por conflitos de interesses, exploração e ausência do Poder Público com fiscalização e monitoramento efetivo.

Os maiores prejudicados acabam sendo os povos tradicionais que tem suas terras invadidas, seus direitos violados, sendo negado, inclusive, o direito de professarem suas crenças. É importante deixar registrado que as consequências dessa degradação já são visíveis nas demais partes do Brasil, com ausências de chuvas, enchentes, ventanias, poluição no ar, dentre outras. Em Manaus, capital do Estado do Amazonas, a fumaça tem tomado conta de toda a cidade, trazendo uma onda de problemas respiratórios para toda a população.

Por mais que os focos de incêndio sejam denunciados, o montante deles ocorre em locais distantes, de difícil acesso e controle. Por esses fatores é que parcela significativa da população mantém ressalvas quanto à pavimentação da Transamazônica, visto que a degradação ambiental, sem sombra de dúvidas, seria uma constante, prejudicando ainda mais o meio ambiente e a população de todo país.

Assim, a questão social na Amazônia não é temática atual, porém tem se tornado cada mais urgente uma abordagem que considere as especificidades da região. Os interesses do grande capital têm prevalecido e prejudicado a continuidade das próximas gerações, haja vista que os recursos naturais são finitos e as necessidades humanas não o são. Dessa forma, enquanto não existirem gestores realmente comprometidos com a causa e políticas públicas de repressão à degradação, com multas e finalização de operações em determinadas áreas,



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

continuaremos a assistir o cenário que já vemos hoje, com a insegurança de um bioma saudável e preservado.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, A.C.S. et al. **A COLONIALIDADE DO PODER NA AMAZÔNIA: educação decolonial para enfrentar e resistir**. XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/00686.pdf.pdf>. Acesso em 28 ago.2024.

GUITARRARA, Paloma. "**Queimadas na Amazônia**"; *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/queimadas-na-amazonia.htm>. Acesso em 29 de agosto de 2024.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul. **Relações Sociais e Serviço Social no Brasil: esboço de uma interpretação histórico-metodológica**. São Paulo, Cortez, 1983

_____. A questão social no capitalismo. **Revista Temporalis** – Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social –, Brasília: ABEPSS, ano 2, n. 3, jan./jul. 2001.

LOUREIRO, V. R. **A Amazônia do Século XXI: novas formas de desenvolvimento**. São Paulo, Editora Empório do Livro, 2009.

NASCIMENTO, Z.C.F. et al. **QUESTÃO SOCIAL NA AMAZONIA E SERVIÇO SOCIAL: reflexões sobre o trabalho de Assistentes Sociais em tempos emergentes**. XVII Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social. Disponível em: <https://www.abepss.org.br/enpess-anais/public/arquivos/00883.pdf>. Acesso em 28 ago.2024

NETTO, J. P. Cinco notas a propósito da "questão social". In: **Temporalis**. Ano 2, n. 3 (jan./jul. 2001), Brasília: ABEPSS, Grafile, 2001.

OBSERVATÓRIO DO MERCÚRIO NA AMAZÔNIA. **Mapeando os impactos do garimpo de ouro na Amazônia**. Disponível em <<https://panda.maps.arcgis.com/apps/Cascade/index.html?appid=e74f4fc219b3428b8e4bce4d7295f210>>. Acesso em ago/2024.

SA, Andréa Lima de et al . Exposição humana ao mercúrio na região Oeste do Estado do Pará. **Rev. Para. Med.**, Belém , v. 20, n. 1, p. 19-25, mar. 2006 . Disponível em <http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-59072006000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 30 ago. 2024.

SCHERER, E. F. Vulnerabilidade social na cidade de Manaus: o avesso do progresso. In: SCHERER, E. **Questão social na Amazônia**. 1ª Ed. Manaus. Editora Edua, 2009.

TEIXEIRA, J. B. O desafio da inclusão social no cenário atual brasileiro e amazônico. In: SCHERER, E. **Questão Social na Amazônia**, 1ª Ed. Manaus. Editora Edua, 2009.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

TEIXEIRA, Joaquina Barata. Meio Ambiente, Amazônia e Serviço Social. **Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea**, [S. l.], n. 21, p. 141–152, 2009. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/revistaempauta/article/view/94>. Acesso em: 30 ago. 2024.

TELES, Vera da Silva. Questão Social: afinal do que se trata? **São Paulo em Perspectiva**, vol. 10, n. 4, out-dez/1996. p. 85-95.